

Um filme com dramas reais de personagens da segunda divisão

Nos seus instantes iniciais, *Fora de campo* nos apresenta algumas informações que contextualizam os personagens retratados no filme: de cerca de 500 clubes de futebol existentes país a fora, somente 40 fazem parte das primeiras divisões nacionais. Apenas 8% dos jogadores que atuam profissionalmente fazem parte desta elite de clubes. Os demais jogam em times considerados “pequenos”, onde não têm boas condições financeiras nem direitos trabalhistas. O filme procura nos mostrar um pouco da vida de pessoas que viveram essa situação. São quase todos já aposentados dos campos, exceto Paulinho da Grécia, ex-jogador que se tornou juiz, e Maninho, o único retratado que ainda atua profissionalmente como jogador de futebol. Naturalmente, ele acaba se tornando figura central do filme, por permitir que acompanhem alguns meses da sua trajetória profissional.

Os outros personagens falam do passado. Foram considerados bons jogadores quando atuaram profissionalmente nestes clubes “pequenos”, chegaram a ter algum prestígio e a expectativa de serem bem-sucedidos financeiramente. Ao encerrarem esse ciclo, precisaram encontrar novas profissões – e esta dificuldade é um tema constante nos depoimentos. Um se torna enfermeiro, o outro é comerciante. Paulinho é o único a continuar trabalhando com o futebol, agora cuidando da arbitragem com o conhecimento de quem já esteve noutro papel. O ex-artilheiro Bé, que atualmente trabalha como guarda de segurança, mostra-nos em sua casa um *videotape* para comprovar que tinha um estilo comparável ao de Romário; quando vai ao estádio, Bé, que já foi ídolo do Vila Nova, ainda é reconhecido pelos torcedores e dá autógrafos.

Para eles, o filme acaba se tornando a maneira de registrar a memória de suas trajetórias. Já estão aposentados como jogadores, mas podem mostrar as provas dos seus feitos de juventude: troféus, fotos, recortes de jornal. O tema mais forte, então, é a passagem do tempo e o fim das ilusões: acabada a carreira, o saldo é ínfimo e cada um tem que se virar para sobreviver.



Maninho é a exceção: o único em atividade entre os personagens do filme, ele já tem 32 anos de idade na época de produção. Já passou por muitos clubes e teve dezenas de oportunidades em jogos contra times “grandes”. Ao longo da produção de *Fora de campo*, ele se torna campeão da segunda divisão do campeonato brasileiro e, em seguida, é contratado pelo São Pedro, um time que disputa a Copa do Brasil com os maiores do país. Em seus depoimentos, Maninho deixa claro sua consciência de classe e sua percepção do difícil ambiente que escolheu para trabalhar. No entanto, apesar de nos esclarecer, junto com os depoimentos dos outros personagens, sobre a dificuldade de sobrevivência dos atletas desse ambiente de trabalho, ele ainda mantém, aos 32 anos de idade, o sonho de assinar um grande contrato e “arrebentar”.

Assim como os outros personagens, Maninho se apresenta para a câmera, consciente da imagem que está construindo para ela – mas este registro, ao contrário dos outros, trata do seu momento presente. Ele não se faz de rogado em atuar para a câmera (retratando cenas cotidianas em pontos de ônibus, pedindo caronas etc), mas sua atuação é pautada pelas vitórias e derrotas nos jogos. Por conta disso, o filme o acompanha em momentos de alegria e outros de tristeza. Com seu silêncio final, Maninho permite que *Fora de campo* registre a amargura que sente ao ver as oportunidades perseguidas ao longo da carreira não se concretizarem. É um retrato cruel desse ambiente de sonhos e decepções.

Este notável *Fora de campo* é um documentário de 50 minutos, realizado com o apoio do programa DocTV. Não é por acaso que o filme revela tanta intimidade com o universo que retrata: o diretor Adirley Queirós (que já havia realizado o curta *Rap, o canto da Ceilândia*) é também um ex-jogador e torcedor do Atlético Ceilandense, clube de Brasília em que jogaram alguns dos personagens do seu filme.